

Eunice Pontes

## TOPICALIZAÇÃO É DESLOCAMENTO PARA A ESQUERDA<sup>1</sup>

### RESUMO

Neste trabalho, eu analiso uma série de construções de tópico, procurando verificar se é possível em português distinguir, como faz Ross (1968) para o Inglês, dois tipos de construção: deslocamento para a esquerda e topicalização. Apresento primeiro os argumentos sintáticos utilizados para distinguir duas construções em inglês e verifico se eles são válidos para o português. Em seguida, examino as hipóteses que, à luz da teoria do discurso, foram levantadas para distingui-las. Concluo que em português a situação não parece muito clara, embora haja indícios de diferenças funcionais entre as construções estudadas.

### ABSTRACT

This paper presents a study of some topic sentences, with the aim of examining, as Ross (1968) did with English examples, the possibility of distinguishing left dislocation from topicalization in Portuguese. Syntactic arguments used to differentiate the two types of construction in English are then discussed, as well as the hypotheses formulated by linguists working with discourse. The conclusion is that the situation in Portuguese is not clear, in spite of some indications of the existence of functional differences between the two constructions.

Em trabalho anterior (Pontes, 1980), eu fiz um estudo das construções de tópico em Português considerando-as todas como uma construção sô, seguindo a linha de Li & Thompson (1976). Na literatura americana de origem transformacionalista, os linguistas costumam distinguir, entre as construções de tópico, aquelas que são geradas através de uma regra de Topicalização (Top) das que o são através de uma regra de Deslocamento à Esquerda (D.E.) Esta distinção foi estabelecida por Ross (1967), que se baseia essencialmente no fato de que, em D.E., aparece um pronome que ele chama de cópia e, em Top., esse pronome não aparece. Segundo Ross, em (1) haveria Top. e em (2), D.E.:

(1) Beans I don't like.

(2) The man my father works with in Boston, he's going to tell the police that...

### 1. Dificuldades de distinguir D.E. e Top. em Português

Em Português, ao tentar aplicar essa distinção de Ross, esbarra-se numa primeira dificuldade: é que em nossa língua a elipse do pronome é bem mais livre do que em Inglês. Parece que, de modo geral, a elipse do pronome é possível sempre que não haja prejuízo do significado. Daí os nossos gramáticos considerarem o pronome que ocorre na construção de tópico como um pleonasma e recomendarem que ele seja evitado. Em meus dados, a ocorrência do pronome "cópia" não é freqüente. A opcionalidade do pronome faz com que haja duas possibilidades para a análise dessas construções de tópico:

(a) que exista uma construção sô, sendo o pronome opcional. Sua ocorrência seria devida a fatores como: eliminar ambigüidades, tornar mais claro o sentido;

(b) que existam duas construções diferentes, com o pronome sendo opcional numa e na outra, ausente. Ou seja:

- a) Top. não tem pronome.
- b) D.E. tem pronome, mas este pode ser elidido.

Evidente que, quando se elide o pronome, é difícil saber se se tem uma ou outra construção. Por exemplo, em (3), ocorreu uma S de tópico com o pronome<sup>2</sup>:

(3) Aqueles livros da coleção SS, eu comprei um deles por 40 dólares.

Sabemos que é possível ter-se a mesma S sem o pronome. Ver (4):

(4) Aqueles livros da coleção SS, eu comprei um por 40 dólares.

Parece-me, à primeira vista, que não há diferença entre (3) e (4). Por outro lado, (5) foi falado sem o pronome:

(5) Meu cabelo desta vez eu não gostei nem um pouco.

Se colocarmos o pronome em (5), parece que não dá diferença no significado. Veja-se (6):

(6) Meu cabelo desta vez eu não gostei nem um pouco dele.

A dúvida que surge, então, é se o fato de ter ou não ter o pronome indica que temos construções diferentes em Português. É difícil saber se, em (4) e (5), se tem Top. ou D.E. com elisão do pronome.

Por exemplo, num caso parecido, o das orações relativas, é também possível ocorrer o pronome ou não. E ninguém até hoje, que eu saiba, propôs considerá-las duas construções diferentes. Ver (7):

(7) Encontrei o homem que eu gosto  $\left\{ \begin{array}{l} \text{dele} \\ \emptyset \end{array} \right.$

Considera-se que, em (7), a elipse é simplesmente opcional.

Por outro lado, existem Ss que ocorreram no corpus sem pronome e que não parecem aceitá-lo. Ver (8):

(8) Feijão eu não gosto (\*dele).

Para quem simplesmente toma a análise do Inglês e traduz para o Português, (8) seria o exemplo de Top. No entanto, a dificuldade do pronome nesta S pode ser devida ao fato de que feijão tem o significado genérico. Veja-se que, se quisermos continuar o discurso a partir de (8), também o pronome parece estranho, no mínimo:

(8) Feijão eu não gosto. \*Ele é ruim.

Se mudarmos o SN para um SN definido, o problema desaparece, embora a construção não tenha mudado:

(9) Essa cerveja eu não gosto (dela).

O mesmo problema de (8) se verifica em (10) (genérico):

(10) Menino não entra! \*Ele é chato.

Hã outros casos em que o pronome também não ocorreu e não parece plausível que ocorra:

(11) A. Ele sō chega uma hora, nē?

B. E.

A. Uma hora eu não posso vir.

(12) A. Alguēm estã com meu livro.

B. Not me!

A. Vocē eu acho que não estã.

(13) A. Essa carne que a gente come todo dia ē filet mignon?

B. Não. Filet mignon seu avô ē que come.

(14) Não. Trinca na parede aqui não tem não.

Em (11), a dificuldade de ocorrer o pronome deve ser devida ao fato de se tratar de hora: ē estranho pronominalizar hora. O pronome seria difícil mesmo em outra oração: \*"Ela não ē boa". Em (12), se o pronome aparecesse, seria uma repetição. Em (13) e (14) novamente se tem um SN não-definido. Em (14) seria possível colocar "nenhuma" depois de tem, mas não sei se isso seria considerado um pronome cōpia.

Um caso interessante ē o seguinte:

(15) Esse do Labov - eu quero xerocar esse trem.

O interessante desse exemplo ē que esse trem ē uma expressão anafōrica, mas não ē um pronome-cōpia. É uma anãfora lēxica, porque trem ē uma palavra de sentido geral, mais abrangente

do que o SN que ocorreu na posição de tópico. Seria considerada D.E. ou Top.? Esse exemplo indica que não é só um pronome co-referencial que pode ocorrer nessas Ss, mas qualquer expressão anafórica, exatamente como em qualquer S da língua. Uma outra S ocorreu com um pronome anafórico, em que não há co-referência, mas exatamente o oposto. Seria D.E. ou Top.?

(16) A. Mas nós vamos ficar sem casa!

B. Casa a gente arranja outra depois.

Este exemplo se alinha com aqueles que alistei de (9)-(14), porque é também indefinido. No entanto, apresenta um determinante que se liga a ele, por uma relação anafórica, só que de oposição (o que Halliday chama "coesão por referência comparativa"). Obviamente não é pronome-cópia, mas qual a diferença?

Vê-se, portanto, que nas Ss em que o pronome-cópia não parece possível, há razões que estão ligadas ao problema da pronominalização em geral.

Assim, o fato de ocorrer ou não o pronome não nos leva a uma conclusão segura de que há diferença em Português entre D.E. e Top.

## 2. As restrições de Ross

As razões de Ross (1967) para distinguir D.E. e Top. estão ligadas, porém, a uma teoria mais geral sobre as regras transformacionais. Ele diz que as regras de "cópia" não estão sujeitas a algumas restrições a que as regras de "corte" estão sujeitas. São elas: a restrição de SN complexo (SNC), de estrutura

coordenada (EC), de sujeito sentencial (SS) e do ramo à esquerda (R.E.). Portanto, Top., sendo uma regra de corte, está sujeita a essas restrições, mas D.E. não. Assim, em Inglês são agramaticais, segundo Ross:

- (17) a. \*This hat I know the boy who was wearing (SNC)
- b. \*This hat the gloves and were on the table (E.C.)
- c. \*This hat that he was wearing is certain. (SS)
- d. \*John's I stole bike (R.E.)

Em Português a situação também não é a mesma.

Examinemos a primeira restrição, SNC. Ela é enunciada por Culicover (1976) informalmente da seguinte maneira: "Nenhuma transformação pode extrair um constituinte de um SN complexo."(p.281) Compare-se a frase (17a) com (18) do Português:

(18) Este chapéu eu conheço o menino que estava usando.

Esta S é gramatical em Português. Se o fato de não ter pronomes indica Top., então Top. não está sujeita à restrição de SNC em Português. Note-se que (18) pode ser completado com o pronome ele, o que mostra que a restrição não vigora nesse caso também.

Vejamos a segunda restrição: a da estrutura coordenada, assim enunciada por Culicover (1976:282): "Nada pode ser movido para fora de uma estrutura coordenada". Compare-se (17b) com (19):

(19) \*Este chapéu as luvas e estavam na mesa.

Realmente, (19) é agramatical em Português. Mas se puser-

mos o pronome a frase não melhora muito:

(20)? Este chapéu, as luvas e ele estavam na mesa.

Com outro exemplo que Ross dá, no entanto, a frase com pronome é decididamente diferente tanto em Inglês como em Português:

- (21) a. "This guitar, I've sung folk songs and accompanied myself on it all my life".  
b. Esta guitarra, eu cantei canções e me acompanhei nela toda minha vida.

Se tirarmos o pronome, tanto em Inglês como em Português, a S fica agramatical.

Com outras duas que Ross apresenta, a situação não é tão clara:

- (22) a. "My father, I hardly ever see him and my mother when they're not glaring at each other".  
b. "Poor Jonesy, it had started to rain and he had no umbrella".

Em Português, é interessante que (23) é gramatical se o pronome objeto for ele, mas não se for o:

- (23) a. Meu pai, eu dificilmente vejo ele e minha mãe sem que eles estejam olhando um para o outro.  
b. ?Meu pai, eu dificilmente o vejo e minha mãe sem que eles estejam olhando um para o outro.

Em (24), pode haver elisão do pronome ele:

(24) Pobre Jonesy, começou a chover e ele não tinha guarda-chuva.

Que conclusão podemos tirar desses exemplos? Que há distinção entre Top. e D.E.? Creio que o mais prudente é concluir apenas que a elisão do pronome em Português não é possível em certos casos e que há restrições sobre o uso do pronome (como a que se vê em 23 b), que precisam ser estudadas.

Vejamos a terceira restrição, sobre sujeito sentencial: "Nenhum constituinte pode ser movido para fora de uma S que seja ela mesma sujeito de uma S." (Culicover, 1976:283)

Compare-se (17c) com (25):

(25) \*Este chapêu que ele estava usando é verdade.

Realmente, com topicalização esta frase não é gramatical em Português, apenas (26) o é:

(26) Este chapêu é verdade que ele estava usando.

Isso, porém, não leva a uma prova conclusiva, porque (27) não parece muito melhor do que (25):

(27)? Este chapêu, que ele estava usando ele é verdade.

Vejamos, por fim, a quarta condição, que segundo Ross (e seus seguidores) diferencia Top. de D.E.: "Nenhum SN que é o constituinte mais à esquerda de um SN maior pode ser reordenado para fora deste SN por uma regra transformacional" (Culicover, 1976:295) O exemplo dado por Ross não pode ser utilizado em Português para ilustrar

esse princípio, porque em Português o possessivo (a não ser o determinante] não fica à esquerda do SN. No entanto, é interessante que (28) é gramatical, se de João for objeto indireto, mas se for possessivo fica pelo menos estranha:

(28)? Do João eu roubei a bicicleta.

A agramaticalidade de (28) poderia a meu ver ilustrar a restrição do SNC, porque do João é um SN encaixado à direita do SN maior: "a bicicleta do João".

Veja-se que (29), com o pronome, é gramatical:

(29) O João, eu roubei a bicicleta dele.

No entanto, há inúmeros exemplos de ocorrência de Ss sem pronome em que um SN encaixado à direita de outro maior foi transportado para a posição de tópico:

(30) Esse negócio o prazo acaba.

(31) Isso eu tenho uma porção de exemplos.

(32) O tópico é fácil de identificar o referente.

(33) Uma delas (doenças) eu não sei citar números.

(34) A bicicleta quebrou o pedal.

Nesse caso, o mais estranho é ocorrer o pronome. Se (35) não tivesse ocorrido, eu pensaria que é agramatical:

(35) Mas essa (=dessa) você já tem várias delas.

Que conclusão se pode tirar dos fatos arrolados? A situação em Português não é a mesma do Inglês e querer distinguir duas

construções tópicas na base da presença ou ausência do pronome não é fácil, porque não se encontra uma diferença nítida entre as Ss com pronome e as Ss sem pronome. A opcionalidade do pronome faz com que as duas construções (se é que são duas) se confundam em nossa língua. Além disso, as restrições de Ross ou não se aplicam, ou quando se aplicam, não fica claro se podem ser explicadas como restrições à elipse de pronome, (como é o caso da restrição sobre E.C.). A única coisa que encontrei é que às vezes parece menos ruim a S com pronome. Mas em pelo menos um caso (SNC) a S sem pronome parece melhor.

### 3. Transformações radicais

Outra constatação que reforça a idéia de que o que é válido para o inglês não é válido para o Português, no caso das construções de tópico, é no tocante ao "status" das transformações de Top. e D.E.

Segundo Ross, a regra de D.E. só coloca constituintes no núcleo de orações principais. Para ele, são agramaticais:

- (36) a. "\*That my father, he's lived here all his life is well known to those cops."
- b. "\*If my father, he comes home late, my mother always grills him."
- c. "\*It started to rain after Jackie and me, we had finally gotten to our seats."

O mesmo ele aponta para Top.. São agramaticais:

- (37) a. "\*That beans he likes is now obvious."

- b. "I'm going to write to the Game Garden if more than one deer my neighbour brings back."
- c. "I don't know the boy { who the flowers Mary gave to  
the flowers who Mary gave to

Para ele, Top. é possível às vezes em oração-objeto, mas não em oração-sujeito:

- (38) a. " ? The Revencoers claim that informers they never use."  
b. " \*That informers they never use is claimed by the Revencoers."

Emonds (1976) concorda com Ross e afirma que tanto D.E. quanto Top. movem "NP's para a frente da sentença 'ligando-as' à S mais alta". Daí ele conclui que estas transformações são transformações radicais (p.30-32). É interessante notar, de passagem, que Emonds descreve D.E. como uma transformação que "remove SN's de sua posição usual nas sentenças, separa-os por vírgula ( sic) e substitui-os por pronomes" (p.32). Ele "conclui que D.E. é uma transformação radical, se não é uma construção de base. Nesse último caso, ela seria gerada sob o símbolo inicial E" (p.33). Essa possibilidade de D.E. não ser uma transformação, mas uma construção gerada na base, ele diz que lhe foi sugerida por Chomsky. Aqui não pretendo discutir esse ponto, mas apenas o "status" das construções de tópico. Isso independe de se tratar de transformação ou não. O que eu quero discutir é a afirmação de que o SN tópico se liga à S mais alta, ou seja, se sō existe tópico em orações principais.

Em Português, a situação não é a mesma que em Inglês. Encontra-se tópico em orações subordinadas causais, relativas, com-

pletivas nominais, condicional, além de objetivas diretas e mesmo subjativa:

- (39) a. ... porque de amor para entender, é preciso amar (canção popular)
- b. ... porque às vezes tem uma língua em que sujeito e objeto não dá pra saber bem o que que é...
- c. ... temerosa de que alma a quem tanto quer se haja de perder... (Sta. Teresa, 423)
- d. Já estão de maneira que - contentamentos - ainda mesmo que os queiram, a modo de dizer - não os podem ter. (id.,421)
- e. Estes pensamentos se vierem, é mister atalhá-los com presteza. (id.,441)
- f. Mas acontece que as portas e janelas, a tinta tinha saído.
- g. O problema é que quem afirma isso, eu não tenho certeza se eles estão separando as duas noções.

Veja-se que 39 a., b,c. e f. ocorreram sem pronome: seriam candidatos a Top.. Os outros apresentam o pronome e pausa, o que os caracterizaria como D.E. Todos, porém, apresentam tópico em oração subordinada. Em trabalhos anteriores (1980, 1981) arrolei outros exemplos de tópico em orações subordinadas. São muito comuns exemplos de tópico em oração-objeto, de tipo: "Eu acho que essa brincadeira, ela vai revelar..." e do tipo causal: "porque esse professor, eu não confio muito nele".

Os exemplos 39 b., d., e g. são os que mais põem em cheque a crença de Ross e Emonds de que D.E. e Top. são transportam elementos para orações principais, porque numa perspectiva trans-

formacional, eles teriam que ser analisados como tendo um SN transportado de uma oração para outra, que é subordinada. Nas outras Ss, encontra-se tópico em oração subordinada, com o transporte dentro da mesma oração. Mas os exemplos que Ross dá como agramaticais em inglês (cf. 36 e 37) são também desse tipo.

Estes exemplos mostram que em Português não é verdade que o tópico deva ser considerado um constituinte só da sentença mais alta. E isso também põe em cheque a afirmação de Emonds, de que D.E. e Top. são transformações "de raiz".

Essas observações são válidas para as construções de tópico, sem diferença, ao que parece, entre Top. e D.E.

#### 4. Função no discurso

Diante das dificuldades de resolver o problema pela análise das orações isoladas, vamos procurar uma perspectiva mais abrangente, e buscar uma solução ao nível do discurso.

Veremos se essas construções exercem funções diferentes no discurso.

Creider (1979:4-6) afirma que Top. se distingue de D.E. porque "um constituinte topicalizado pode servir como tópico de um enunciado subsequente". Veja-se a diferença:

(40) Top.: "English muffins I can eat every morning.  
They're just the right thing."

(41) D.E.: "Griselda, I hope to meet her husband someday.  
= She's a very interesting person.  
He's a very interesting person."

Vê-se que em (40) espera-se que se continue a falar de "English muffins". Já em (41) espera-se que se continue a falar do marido e não de Griselda.

O mesmo parece válido para o Português no caso de Top. Vejamos a seqüência (42).

(42) Eu não gosto de arroz. Feijão eu como todo dia.  
É mais gostoso.

Nessa seqüência, a 3a. frase se refere a feijão, não a arroz. Como Creider nota, se quisermos continuar a falar do SN que ocorreu antes, arroz, será necessário repeti-lo: "Arroz é muito sem graça".

Até aí, tem-se a mesma situação em Português e Inglês. Este exemplo se encaixa na teoria de Creider, bem como este outro:

(43) a. Já tem o extrato?  
b. Só 2a. feira.  
c. Mas o saldo o Sr. pode ver?

Nesse caso, se houvesse continuação do diálogo, creio que a tendência seria para não se falar mais no extrato e seria possível se falar no saldo. Mas a conversa (real) parou por aí.

Já outra seqüência recolhida parece desconfirmar a teoria de Creider, porque é possível continuar falando de outro SN que não o do tópico:

(44) a. Alguém está com meu livro.  
b. Not me!  
a. Você eu acho que não está.

Parece perfeitamente possível continuar da seguinte maneira: "Mas acho que está com alguém daqui". É natural continuar falando do livro: "Ele é difícil demais pra você".

Parece-me também que não dá para distinguir Top. de D.E. na base de que o constituinte topicalizado pode servir de tópico de um enunciado subsequente, porque em português encontra-se o que Ross chamaria de D.E. (porque tem pronome) e é possível continuar falando do constituinte topicalizado. Veja-se (45).

(45) O Mardônio o carro dele furou o pneu e ele foi levar na oficina. Mas ele já vem.

Nesse exemplo, vê-se que é possível continuar falando de Mardônio. Se a teoria de Creider se aplicasse, só seria possível falar do carro. O mesmo se vê em (46).

(46) Aqueles livros da coleção SS, eu comprei um deles por 40 dólares. Estão muito caros.

Outra afirmação de Creider é que na Top. em Inglês tem que haver contraste. Esse caráter contrastivo é apontado já por Chafe (1976) e reconhecido por Prince (1981). Esta, porém, aponta para o fato de que contraste não é um efeito necessário de Top., mas acontece em certos casos (por exemplo, quando se alistam elementos).

É um fato que muitos casos de Top. são contrastivos. Quando se diz "Essa cerveja eu não bebo", está-se contrastando essa cerveja com todas as outras, está-se deixando claro que outras podem ser bebidas. Nesse caso, está-se individualizando essa cerveja, separando-a do conjunto de cervejas.

Essa função contrastiva aparece claramente nas enumerações:

- (47) a. Por que você está pedindo carona?  
b. A Belina o HÉlio levou prá oficina. O Volks tã quebrado.
- (48) O meu banheiro o Sr. pode pintar. O outro deixa prá depois.

Mas como Prince (1981) nota, o contraste não é essencial em Top. Nem todos os exemplos sem pronome são contrastivos:

- (49) a. A fulana não se deve confiar.  
b. Tudo isso tem estudo a respeito.  
c. Um potro em evolução a gente nunca sabe onde vai chegar.  
d. O Eduardo parece que vai ter que operar.

É claro que alguém pode objetar que esses exemplos não são de Top. mas de D.E. com pronome elidido. Estou consciente de que em todos esses casos pode ser colocado o pronome. Mas considere-se o exemplo seguinte, que foi falado sem nenhuma intenção contrastiva:

- (50) Esse projeto da Medicina é o BM. que financia.

- conforme a entonação, essa frase pode virar contrastiva. Acredito, por isso, que talvez seja a entonação que torne contrastivas as frases topicalizadas. Tenho observado que mesmo orações sem topicalização podem ser contrastivas:

- (51) Essa eleição é prá valer!

Por outro lado, é possível encontrar S com pronome pleonástico em enumeração e com sentido contrastivo:

- (52) "Referia-me às duas mães: à do criminoso e à da vítima. A mãe de Doca eu a conheci quando ambas éramos meninas. (...) A mãe de Ângela, eu a vi, chorando, num telejornal, inconformada". (Folha de São Paulo, 7-11-81, p.30)

Logo, creio que o contraste pode ser função de outros fatores, entre os quais o contexto em que a frase é colocada. Por exemplo, a frase "O Eduardo parece que vai ter que operar", foi dita após a seguinte: "A Sônia esteve aqui ontem". Como a Sônia é mãe do Eduardo, a ligação (coesão) entre uma S e a outra se faz naturalmente (semanticamente). Se esta S tivesse ocorrido em outro contexto, ela seria contrastiva: "O Sérgio está com saúde. O Eduardo parece que vai ter que operar". Como o Sérgio é irmão de Eduardo, essas duas Ss se opõem, da mesma forma que na S (47), em que se fala de dois carros, ou de (42), em que se opõe arroz a feijão.

Creider afirma também que uma S topicalizada não pode estar no escopo da negação. No entanto, acho perfeitamente possível:

- (53) Não é verdade que de feijão eu não gosto.

Concluo que ou Top. é diferente em Português ou a teoria de Creider é errada.

Givón diz que D.E. é usada para mudança de tópico:

*... in equi-topic chains only the anaphoric pronoun [or 'subject agreement', its function equivalent] is used. When the topic is less obvious the definite full - NP subject is used, while when the subject is switched unexpectedly [or 'contrastively', which is a subcase of 'unexpectedly'] a topic shift construction is used. (1979:p.65)*

Convém esclarecer que ele considera D.E. como uma construção "topic-shifted".

Ora, eu tenho observado que tanto a construção com pronome como sem pronome são usadas repetindo um SN que já ocorreu. Vejam-se os seguintes diálogos:

- (54) a. Tõ procurando a Vanda.  
b. A Vanda eu acho que tã dando aula.
- (55) a. E a Rosa?  
b. A Rosa eu encontrei ela ontem.
- (56) A lanterna... A lanterna, já comprou as pilhas?
- (57) a. Lã vem o atrasado Maciel.  
b. O Maciel você acha que ele é atrasado?
- (58) a. Quede o Mardônio?  
b. O Mardônio o carro dele furou o pneu e ele...

Parece-me que a construção de tópico estã sendo usada aĩ depois que o novo tópico foi introduzido na conversação.

##### 5. Os dados: o que eles nos indicam?

O problema com esses autores é que eles (com exceção de Prince) teorizam a partir de poucos dados. Eles não fizeram uma pesquisa sistemática de Ss de tópico, comparando-as com outras

Ss. Quando se estuda o fenômeno a partir de dados, verifica-se que as teorias são falhas. Constatamos que "na prática a teoria é outra", conforme o título de um livro recente.

Indo aos dados, verificamos o seguinte:

5.1. Construções com pronome-cópia. Examinamos as Ss que ocorreram com pronome-cópia, em primeiro lugar, porque se existe distinção entre Top. e D.E. estas são indiscutivelmente D.E., porque o pronome está presente; aquelas que ocorreram sem pronome tanto poderiam ser Top. como D.E. com elisão do pronome. Descobrimos que a totalidade dos exemplos apresenta o tópico como elemento dado. Ou já foi mencionado antes no discurso, ou então é "saliente" no contexto pragmático, como diz Prince (1981). Aliás, o que Prince afirma a respeito de Top. em seu último artigo é válido para as construções com pronome-cópia em Português, o que reforça as minhas constatações. Todos os SNs apresentam ou pronome demonstrativo ou artigo definido, o que mostra o caráter definido (anafórico) da construção. Podem-se examinar todos os exemplos já citados e mais estes, em que os dois primeiros são dados pelo discurso e os outros dois pelo contexto da situação:

- (59) a. Ele, o livro dele não é lá essas coisas.  
b. Eu acho que esses dois casos do Português, eles...  
c. Esse buraco, menina, taparam ele outro dia.  
d. E aquele lá, não dá pra colar ele?

É digno de nota que não se encontrou nem um exemplo em que o SN fosse indefinido ou genérico, como aconteceu em (8), (11), (12), (13), (14). Isso, porém, como eu disse antes, pode ser uma restrição à pronominalização.

Como já disse, o SN inicial nas Ss com pronome-cópia cos-

tuma ser um SN dado, em geral repetido. Nisto ele funciona como um elemento coesivo (cf. Halliday, 1977) no discurso. Há um exemplo, porém, que poderia suscitar dúvidas, porque o SN topicalizado não havia sido mencionado antes:

(60) E o Flávio, que será que ele fez com a flauta dele?

No entanto, Flávio é um membro da família em que se estava desenrolando a conversa. Como tal, ele não é um elemento novo no contexto. Ele pertence a um conjunto, família, que está presente na consciência dos falantes. Ellen Prince (1981: p. 3), estudando Top, registra exemplos semelhantes e afirma: "The NP in TOP must represent either an entity that is already evoked in the discourse or else one that is in a salient set-relation to something already in the discourse". Esta entidade pode ser "saliente no contexto extratextual" (ou seja, pragmático) ou o que ela chama de "evocado situacionalmente". Ela observa que os exemplos de Top. envolvem "co-elementos de um conjunto" e podem ter "o sabor de uma lista". E "para entender itens como pertencentes a uma lista, deve-se inferir que eles são co-elementos de algum conjunto único, independentemente nomeável". Estas observações, embora feitas para caracterizar Top, são válidas para todas as construções de tópico que estou examinando. Um caso típico é quando a gente se encontra com alguém na rua, começa a conversar e pergunta por algum seu familiar que ainda não foi nomeado no discurso, mas que se assume como presente na cabeça da pessoa, por ser seu familiar:

(61) E o João, como vai ele?

Considero que a construção tópica aí é possível por causa

da relação íntima que existe entre o interlocutor e a pessoa nomeada. Uma relação íntima é que propicia (62) também:

(62) O Luís André, e o seu pé, como é que vai aquele machucado?

Aí, no lugar de pé (que é um elemento dado no contexto da situação, também) poderia estar também irmão, mãe, etc. Mas não poderia estar um elemento sem relação nenhuma com a pessoa. Note-se, também, de passagem, a presença do elemento coesivo e, ligando a S ao resto do discurso, mas também marcando a introdução de algo diferente do que se estava falando antes. De certo modo, parece que há uma mudança de tópico aí (ou sub-tópico?). Creider diz que D.E. serve de ponte no discurso. Nesse caso, parece que sim. Mas não é sua função mais freqüente, pelo contrário.

Resumindo as observações sobre as Ss com pronome, os exemplos referem-se a algum elemento dado no discurso ou no contexto pragmático. Têm uma função coesiva no discurso, por isso. A função contrastiva é pouco freqüente. O significado dessa construção parece ser sempre: "falando de SN...", "quanto a SN...". Conforme Ellen Prince afirma a respeito de Top., o SN dessas construções deve se referir a uma entidade, deve ser referencial. Não se encontra frase com SNs indefinidos ou genéricos. Quanto à entonação, a pausa ou quebra entonacional é freqüente, mas não obrigatória. É potencial.

5.2. Quanto às construções que ocorreram sem pronome no corpus, verifica-se o seguinte: de um modo geral não há pausa entre o SN topicalizado e o resto da sentença, mas pode haver:

- (63) a. Eu diria que esse último, há uma gradação mais forte...  
b. Aquela casa ali, é engraçado, o jardim.  
c. A minha pesquisa, pelo menos, entra pronome, nê?  
d. Ô Hêlio, a carne, como aumentou, hein?

Em termos de freqüência, a maioria das Ss sem pronome foi falada sem pausa. Há casos mesmo, em que a pausa parece bem improvável:

- (64) a. Repelex precisa, nê?  
b. Um rato eu matei.

Há, portanto, uma tendência nítida para não haver pausa, nas construções sem pronome. Parece haver uma correlação entre a presença da pausa e a do pronome, em termos de freqüência de ocorrência. Isso talvez se explique porque a pausa causa uma ruptura, e então surge a necessidade de reconstituição da estrutura da S, através do pronome.

Houve uma maior incidência de Ss sem pronome (do que com) com verbos impessoais, tipo: "Se o pimentão não der prá guardar...", "O tópico é fácil de identificar o referente...". Mas também se encontra essa construção com pronome: "Esse homem parece que ele é da Colômbia".

Também se encontram mais exemplos de Ss sem pronome (do que com) em que foram topicalizados adjuntos adverbiais.

- (65) a. Qualquer elemento você pode fazer isso  
b. Washington a neve é pouca.

Mas também ocorreu (66), em que o advérbio funciona anaforicamente:

(66) Caracas, estive lá, uma semana.

Por outro lado, as mesmas observações que fiz sobre as Ss com pronome são válidas para as sem pronome: nelas também o SN topicalizado é dado pelo contexto lingüístico ou pragmático.

Os SNs são definidos. A mesma relação de conjunto pode ser apontada. A única diferença é que, quando é contrastivo, há algo de novo no SN topicalizado, que é contraposto aos outros membros de um conjunto. Mas está relacionado:

(67) Você tem uma caneta azul pra me emprestar? A minha acabou a tinta.

## 7. Casos problemáticos

Além dos casos examinados na 2a. seção deste artigo (exemplos 15 e 16) há outros que colocam dúvida a respeito de se se tratar de pronome-cópia ou não. Veja-se a S (68).

(68) Eu quero lembrar que a argumentação, eu restringi o sentido dessa palavra quando ...

Não se trata de pronome-cópia, mas de uma expressão anafórica, em que se usa um nome mais geral, cujo significado abrange o do nome anterior, mais específico. Halliday (1977) estuda esse tipo de anáfora, sob o título de coesão léxica. Mas o problema se põe: essa construção é de tópico - seria Top. ou D.E.?

Outro problema para essa distinção são os seguintes exemplos:

- (69) a. Os fiscais, esses, resolviam questões de polícia e advogavam.  
b. Shampoo-Johnson's, esse eu posso usar.

Como classificar o pronome demonstrativo aí? Seria pronome-cópia e essa construção é D.E.? Esses está numa situação especial, porque não se pode dizer que ele funciona como os demonstrativos costumam funcionar, determinando um nome, mesmo elidido. Não se pode dizer que houve elisão de fiscais depois de esses, em (69a), nem de shampoo depois de esse em (69b). Note-se que essas Ss têm sentido contrastivo, o que as candidataria a ser Top., de preferência a D.E.. Mas apresentam uma pausa depois do SN topicalizado, além desse pronome anafórico, o que as aproxima das outras Ss de D.E..

Por último, há a S (70):

- (70) Eu, café eu gosto tanto sem açúcar como com.

Esta S apresenta dois tópicos, um depois do outro. Se considerássemos que Top. e D.E. são distintas em Português, haveria uma explicação interessante para esta S: ela teria tanto Top. quanto D.E.: eu foi deslocado à esquerda e repetido em seguida, pelo pronome-cópia. Café foi topicalizado: não há pronome-cópia, nem pausa, e tem sentido contrastivo, além de ser indefinido. Sentenças como estas, bem como outras (ver (71)), deixam dúvida se na verdade não há a distinção entre D.E. e Top. em Português. Haveria casos claros, como o de (71), e casos marginais, como os que arrolei anteriormente.

(71) Leite eu não vou comprar.

## 8. Conclusão

Examinei a distinção que é feita, na literatura lingüística de língua inglesa, entre Top. e D.E.. Demonstrei que não é fácil distinguir duas construções em Português, porque o pronome é opcional, a pausa é opcional, as funções no discurso são, na maior parte, as mesmas. Por outro lado, há uma correlação em termos de freqüência entre pausa e pronome-cópia. Há também uma tendência para Ss sem pronome não terem pausa, e serem contrastivas. Também quanto aos SNs encontra-se uma diferença: as Ss com pronome só têm SNs definidos. SNs genéricos e indefinidos não co-ocorrem com pronome. É tentador, então, concluir pela distinção entre as duas construções. Elas se distinguiriam, nos casos claros, da seguinte maneira (em termos de tendências):

- a) Top. - sem pausa, sem pronome, contrastivo, com SNs tanto definidos como não.
- b) D.E. - com pausa, com pronome, não-contrastivo, com SNs definidos, dados.

Em termos de discurso, Top. é que poderia ser considerada como de mudança de tópico. Usa-se Top. para mudar de um tópico para outro, contrastando com o anterior, mas relacionado com ele. D.E. é usado para dar continuidade ao discurso, sua função é eminentemente coesiva. É necessário, porém, estudar mais ocorrências de tópico em discurso para se estabelecer melhor essa distinção.

Aceita essa distinção, que não é de maneira nenhuma evidente, nem nítida, considerar-se-iam os casos duvidosos como limítrofes, como aliás costuma acontecer em qualquer distinção que se estabelece na língua.

Em virtude, porém, da nebulosidade do fenômeno, minha conclusão, prudente, é que é prematuro decidir pela distinção até que se estudem as condições de pronominalização em Português bem como as de elisão de pronome. Um estudo maior das construções de tópico no discurso também contribuiria para aclarar o fenômeno.

#### 9. Anacolutos

Deixei para examinar à parte sentenças que os nossos gramáticos classificam de anacoluto e que se distinguem das que acabamos de examinar por apresentarem uma rutura da sintaxe "normal". Said Ali define o anacoluto como uma construção em que "se interrompe uma parte da oração e, em lugar do seguimento pedido pela sintaxe, se passa a uma construção nova" (1965, 220). Nessas construções, não é possível identificar um elemento da oração que foi deslocado ou topicalizado, como acontece nas outras que examinei antes. Ou seja, não seria possível explicá-las por transformação, ou mesmo por qualquer critério sintático. Elas têm que ser entendidas ao nível do discurso. Para interpretá-las, temos que recorrer muitas vezes ao que foi dito antes. Vejamos algumas que ocorrem na linguagem coloquial.

- (72) a. Eu agora, cabô desculpa de concurso, nê?  
b. Já o JB, você viu a crônica do Drummond?  
c. Essa bolsa aberta aí, eu podia te roubar a carteira.  
d. As cadeiras optativas, cê precisa ter um conheci-

- mento bom primeiro (para cursã-las).
- e. Tina, você pode deixar a louça prá botar na máquina, viu? E o almoço, eu volto mais cedo.
  - f. Essa minha barriga, sô jejum.
  - g. Cê fuma, também? Eu, é sô café.
  - h. Esse negócio desse pássaro preto ficar aqui, eu nunca vou poder botar a rede.
  - i. Cê precisa comprar outra pasta prá mim, porque aquela pasta, ô, meu relógio caiu e quebrou o vidro.

Em todos esses exemplos, falta alguma coisa que ligue explicitamente o tópico ao resto da frase. Não é possível colocar nenhum pronome-cópia no lugar de onde o tópico foi retirado, pois não há esse lugar. A relação entre o tópico e o comentário que se segue é estabelecida pela simples colocação de um em seguida ao outro, pelo conhecimento do mundo, ou pelo que foi dito anteriormente. Em geral, elas têm o sentido de "falando de...", "quanto a...". Correspondem ao que Li & Thompson chamam de Ss com "duplo sujeito" nas línguas de tópico como o Chinês.

Proponho distinguir esse tipo de sentença de tópico das outras que estudei anteriormente, e reservar a designação de anacoluto sô para esses casos, em que não ocorre pronome anafórico nem pode ocorrer, porque não se trata de deslocamento de um SN da S comentário.

Os nossos gramáticos não restringem dessa maneira esta designação porque eles dão, como exemplo de anacoluto, sentenças em que aparece o pronome-cópia e portanto é possível dizer-se que houve deslocamento. Veja-se (73), que aparece em Epiphanyo Dias (1959:336) e (74) que aparece em Said Ali (1965,220):

(73) "As outras, que as azas do anjo Azrael se estendam sobre os seus cadáveres"

(74) "O furacão que devasta, o raio que fulmina, não hã pin-céis nem cores que possam estampã-los na tela".

Não me parece que estes exemplos se encaixem na definição que Saïd Ali dã de anacoluto, nem na de Epiphãnio Dias: "... consiste em uma ou mais palavras do princípio de uma or. não se ligarem ao que vem depois, segundo as regras de syntaxe" (Dias, id.ib.)

Acredito que estas sentenças devem ser consideradas como exemplos de pleonasmo e não de anacoluto, porque a ocorrência do pronome indica que elas têm relação com o resto da sentença. Se não, qual será a distinção entre pleonasm e anacoluto?

#### NOTAS

1. Este trabalho foi apresentado no VI Encontro Nacional de Lingüística, realizado na PUC - R.J., em novembro de 1981, e entregue aos organizadores para publicação. Como até esta data os Anais do Encontro não saíram, resolvi publicã-lo nesta Revista.

2. Os exemplos citados, com poucas exceções, fãceis de identificar, foram ou gravados ou surpreendidos de conversa espontãnea, informal, na hora em que foram falados. Na medida do possível, foi registrado, além da construção de tãpico, o contexto imediato, ou seja, o que foi dito imediatamente antes e depois. Os informantes involuntãrios de modo geral foram professores (a maioria da Faculdade de Letras da U.F.M.G.).

REFERÊNCIAS

- CHAFE, W. Givenness, contrastiveness, definiteness, subjects, topics, and point of view. In: LI, C., ed. Subject and topic. New York, Academic Press, 1976.
- CREIDER, Chet A. On the explanation of transformations. In: GIVÓN, Talmy, ed. Syntax and Semantics. New York, Academic Press, 1979. vol. 12.
- DIAS, E. S. Syntaxe histórica portuguesa. 4a. ed. Lisboa, Clássica, 1959.
- EMONDS, J. A transformational approach to English syntax. New York, Academic Press, 1976.
- GIVÓN, T. On understanding grammar. New York, Academic Press, 1979.
- HALLYDAY; M. A. K. & HASAN, R. Cohesion in English. 2a. ed. imp. London, Longman, 1977.
- JESUS, Sta. Teresa de. Obras completas. 2a. ed. Aveiro, Carmelo, 1978.
- LI, C. & THOMPSON, S. Subject and topic: a new typology for language. In: LI, C., ed. Subject and topic. New York, Academic Press, 1976.
- PONTES, E. Da importância do tópico em português. In: ENCONTRO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA, 5, Rio de Janeiro, 1981 (Comunicação)

PONTES, E. Construções de tópico em língua escrita. Cadernos de LINGÜÍSTICA e Teoria da Literatura, Belo Horizonte, (5): 51-73, 1981.

PRINCE, Ellen. Topicalization, focus-movement, and Yidish-movement: a pragmatic differentiation. Papers from Berkeley Linguistic Society, Berkeley, 1981. (In print)

ROSS, J. Constraints on variables in syntax. Tese de doutoramento, MIT, 1967.

SAID ALI, M. Gramática secundária da língua portuguesa. 6a. ed. São Paulo, Melhoramentos, 1965.